

A ILLUSTRAÇÃO

REVISTA UNIVERSAL IMPRESSA EM PARIS

PARIS

ESCRITÓRIO, 6, rue Saint-Pétersbourg
Assinatura: 25 francos
ANNO: 12 francos
SUSSETE: 12 francos
AVULSO: 2 francos por número ou 25 francos por mês.

1.^a Anno. — Volume II. — Número 10.

PARIS 20 D'AGOSTO DE 1885

Director: MARIANO PINA.

RIO DE JANEIRO

GAZETA DE NOTÍCIAS, 7^a, R. do Ouvidor.
Assinatura: 12.000
SUSSETE: 6.000
ANNO: 12.000 francos
AVULSO: 500 francos



EM VILLEGIATURA. — DESENHO DE ADRIEN MARIE.

EXPOSIÇÃO DO BRAZIL

EN
ANVERS

No próximo numero da ILLUSTRAÇÃO publicaremos as gravuras que representam a exposição do Brasil na Exposição Universal de Anvers.



ESTHÉTICA NATURALISTA, por Júlio Lourenço Pinto — Um volume. — Editores: Lopes & C., Porto.

OUE o distinto romancista da *Margarida* me não leve a mal a franqueza, talvez rude... talvez jovial — com que vou falar do seu ultimo livro — que acabo de ler com o mesmo interesse e a mesma sympathia com que sempre folheei os volumes do mesmo autor que me tecem vindo parar ás mãos.

Não vão agora pensar certos intrigantes que o fim a que me proponho é atacar o talento do sr. Júlio Lourenço Pinto : — porque ainda me não esqueci do entusiasmo com que fiz publicar no antigo *Diário da Manhã*, de Lisboa, dias depois da apparição do livro, varias páginas do seu romance *Margarida*. E ainda tenho presente o brilho do seu estylo oriental, o colorido ardente dos seus descriptivos : — porque o sr. Lourenço Pinto dispõe d'uma linguagem tão opulenta, que por vezes faz lembrar o estylo de certos livros de Zola, como a *Curée*, *Page d'Amour*, *Ventre de Paris*, onde certamente o romancista português tem aprendido bastante...

O que eu julgo — e é este o fim d'esta *Chronica* — é que é chegado o momento de cada qual dizer o que pensa, ácerca d'uma espécie de naturalismo *morbus* que está prestes a dizimar a literatura portuguesa.

Dois illustres romancistas da nova reforma literaria escreveram um dia este grande axioma, que infelizmente é pouco citado e ainda menos seguido pelos novos realistas :

Aussitôt qu'il y a l'école de quelque chose, ce quelque chose n'est plus vivant.

Esta phrase é a mais brillante divisa d'uma completa independencia literaria.

Estude-se muito embora em Balzac, em Flaubert, nos Goncourt, em Daudet, em Zola ; estude-se conscientemente cada um d'estes romancistas ; vej-se como elles procuram o seu assumpto, como analysam os seus personagens e os meios em que elles viviam ; analyse-se, com a attenção com que se analisa ao microscópio um ser infinitamente delicado, os seus estylos ; acompanhe-se esses estylos em todas as suas phases, em todas as suas ramificações, em todos os seus caprichos ; estude-se o rythmo das phrases, a combinação das palavras, para ver de que modo chegam a dar-nos a sensação exacta do som, da cõr e da curva — mas por Deus, não se siga nenhum d'elles, e o que ainda é mais — não se siga nenhuma escola ! ...

« Não se siga nenhuma escola ! » — elas o grita que eu desejaria ver lançado em Portugal por alguém que tivesse a autoridade e a influencia que Camillo, Eça ou Ramalho têm sobre os modernos escriptores! Para que a obra d'arte traga adistricto um ar de moda que é o que a faz envelhecer mais depressa e mais depressa se afundar nos abysmos da poeira das bibliotecas, — basta andar-lhe ligada a physiognomia esthetică do seculo em que nasceu. Ora se além d'esta pecha, a obra d'arte ainda ha de trazer o cunho d'um escriptor ou d'um grupo mais predominante — então mais vale tirar com ella para o esgoto, porque o tempo que nos pode tomar ás-nos reclamado de todos os lados por mil outras cousas que surgem a cada instante, n'este seculo de genio, de febre e de descobertas...

Cada movimento litterario ou artistico que se tem sucedido na historia das gerações tem procurado sempre, aproveitando os elementos que herdou, descobrir novos modos de melhor interpretar e executar a obra d'arte. Por um instante, isto é, parar meio seculo para só abrir a boca diante do que produziram artistas geniais... ou para os imitar, ou para os seguir — é um erro que não tem mais razão de ser, com os riscos faceis de que hoje dispomos para uma solida educação intellectual.

Quem matou o Romantismo foram os seus proprios fetiches. E são ainda os fetiches que há de matar o Realismo... Ha de parecer uma heresia prognosticar já hoje a morte do Realismo. E quem oussaria em 1840, mesmo em 1850, anunciar a morte do Romantismo?... Todavia el-o caído por terra, touro valente e entusiasta, que foi o espanto de duas gerações, escarnecido por muitos, respeitado e comprehendido por muito poucos...

O sr. Júlio Lourenço Pinto, no seu novo livro, também lhe dá uma punhalada. No Romantismo o sr. Lourenço Pinto é dos que ainda vêem apenas um « scenario de papelão » e « literes emphaticos de óca rhetorica ». Não acho a acção generosa da parte d'um espirito que eu julgo tão lucido. Mas creio plamente que n'este ponto o sr. Lourenço Pinto tem cúmplices ! São as famosas críticas de Zola, dirigidas apparentemente contra Hugo, mas que visavam mais abaixo, á altura dos tacões do poeta, para esmagar aquele grupo de *hugolatras* de terceira especie, que andava pelos jornais de Paris desacreditando Flaubert, os Goncourt, Zola e até mesmo Balzac !

Quem conhecer um pouco assuntos litterários, e quem ler a *Esthética realista* do sr. Lourenço Pinto, ha de compreender facilmente que o Realismo em Portugal pode morrer pelo ridiculo.

O romance moderno não encontrando novos artistas independentes que o transformem e o aperfeiçõem, cairá nas mãos dos imitadores que o há de desacreditar.... E adeus para sempre, a bella renovação litteraria!

O sr. Lourenço Pinto já nos oferece uma Esthética, uma gramática, o quer que seja como um Manual de receitas para uso de todas as pessoas que apresentem exame de instrução primária — tratando as lettras como quem trata pastéis e guisados! Palavra d'honor, que me está parecendo mais difícil fazer um *beef* de cebolada, do que fazer um romance naturalista!...

Ao ler a *Esthética* achamo-nos disante d'um verdadeiro *mandarinato*, d'um verdadeiro grupo de lettras chinesas do Occidente. É o mesmo ar superior e orgulhoso quando alludem ás suas pessoas ; é o mesmo desdem altivo, misturado de compaixão postica, pelas classes inferiores, por todos quantos não fazem parte do *mandarinato realista*...

O sr. Lourenço Pinto tomou para si o grave papel *cathedralico* de mandarin-mór. Quanto

no seu livro é o que entre os lettras chinesas merece o ambicionado e sonoro título de *King*. E vejam como o auctor fala de si :

«... OS NOSSOS TRABALHOS equidistantes da comprehensão de uns e outros, não podem satisfazer nem idealistas românticos, nem ultra-realistas...»

Está-se diante d'um mandarin escrevendo o *King* do naturalismo, o *King* imperial, d'um mandarin que na nossa China litteraria deve conhecer nada menos de dez mil combinações de lettras. E aquello que em certas epochas do anno sac de Pekim, da corte, para ir ás principaes escolas das provincias traduzir os escriptos dos velhos lettras, a mandarins de segunda e terceira classe, coitados! — que apenas conhecem duas mil combinações de lettras... E elle que nos vem explicar Shakespeare e Mme Ackermann, Sibental e George Sand, Flaubert e Zola.

Sómente o sr. Lourenço Pinto escrevendo um livro para o mercado, não pensou n'uma cousa importante. Que ao publico o seu volume pouco interessa, attendendo a que o publico espera com muito mais anciade, que o sr. Luiz d'Araujo lhe diga em prosa rimada de que modo o Mourisco metteu um par de ferros curtos n'um boi desembolado — do que por um discurso de Renan... E na China litteraria do Ocidente, apesar de me considerar o mais insímo dos mandarins de terceira classe, já ha muito que eu tinha conhecimento de tudo quanto o sr. Lourenço Pinto nos diz, — com a simples leitura dos livros de critica de Zola, de Taine e de Proudhon.

Mais outro defeito de quem professa a critica em Portugal : — é de cada vez que vai escrever uma pagina, imaginar que vai escrever para ignorantes ; dizer cousas que ninguem ainda antes sabia ; tirar com opiniões que os autores, confiantes na nossa ignorancia, imaginam que nós tomamos por absolutamente originais, quando ha muito já as vimos aos trambohões em todos os livros de critica. Este sistema quando não é irritante, é divertido.

Pouco me incomoda o auctor que fala ao leitor com o tom importigado de quem lhe vai dizer a cada instante :

— « Você é um burro! Convença-se de que é um burro!... Eu é que sou um homem de genio! Vou-lhe agora dizer cousas que você ainda não viu nem ouvio a nenhum outro mandarin. Abra a bocca, proste-se e escute! »

E quando o leitor se posta e se põe a escutar, meus amigos, ouve-se a mesma arenga de ha cinquenta annos. Ha leitores, como eu, que depois de lhes terem chamado burros, ainda sorriem... Ha outros, porém, que não estão para graças — e que pateiam! E destes que os euctores devem tremer, e não dos que lhes fallam sinceramente, à la bonne franquette, como este seu criado...

A *Esthética realista* representa apenas o desejo — aliás louvável — d'um homem de letras querer ensinar aos collegas o que se deve entender pela palavra *Arte*, pela palavra *Romanço*, pela palavra *Litteratura*. Mas o auctor partiu d'um erro. Considerou-nos a todos como uns ignorantes, e veio-nos dizer apenas o que não todos ha muito já sabíamos...

Para noviços é que o seu livro vai ser uma novidade e um regulamento a seguir. Como regulamento litterario é que a *Esthética* é bem perigoso. Ora veja o sr. Lourenço Pinto o resultado das proclamações aos jovens, das lições de conducta, das prescrições litterarias de Zola. Todos os seus discípulos, mortos em trez annos!

Ninguem mais ouvio failar de Paul Alexis,

de Huysmans, de Henri Céard e de outros. E com tudo cada um d'elles tinha talento, cada um d'elles poderia romper, se não tivessem aceitado este credo naturalista que os esterilizou e os inutilizou para sempre... São os proveitos que se tiram em seguir uma escola ou um artista criador.

Quando o noviço pensa que está vivendo para as letras, o insensato tem-se apenas suicidado!...

**

Na Esthetica realista o sr. Lourenço Pinto critica gravemente dois autores, como quem critica dois mandarins famosos pelos seus conceitos e aguda perspicacia, dentre os mais famosos do Céleste, São os srs. Silva Pinto e Reis Damaso.

Apresenta o primeiro como um trabalhador «consciente e erudito», o único que soube dividir em dois grupos os escritores realistas — «psychologistas que tem por principios representantes Balzac, Stendhal, e physiologistas que se filiam em Flaubert e Zola». Ora a verdade é que o sr. Silva Pinto quando inventou a famosa classificação, já ella estava feita em França, e era já moeda tão corrente e tão usada que nem se sabia o nome do autor!

Mas se me não engano, os meus leitores encontraram a tal classificação nos artigos mais antigos de Zola, aquelles que o romancista escreveu antes da guerra, quando era apenas um ignorado.

Quanto ao mandarim sr. Reis Damaso, mandarim que pela primeira vez vejo citado como autoridade em coisas literarias, também me parece que o supra-citado mandarim nada inventou e nada descobriu. Diz-nos o autor da *Esthetica* que o sr. Reis Damaso «dá a precedencia na moderna evolução do arte portuguesa, a Julio Diniz»; — e aparece-nos o sr. Reis Damaso a reclamar imperiosamente a admiração para Julio Diniz, como Zola impondo ao público Stendhal e Balzac. A verdade é que Julio Diniz em muito pouco concurreu, direi mesmo: em nada concurreu para o movimento realista em Portugal. Tudo partiu do *Crime do Padre Amaro* e da heroica campanha das *Farpas*. Occulto-o, seria uma revoltante injustiça. Foram Eça e Ramalho os primeiros que falaram com entusiasmo de Proudhon, de Taine, de Flaubert e de Zola. Foram elles que semearam em Portugal os modernos doutrinas litterarias, depois das suas viagens a França.

Quanto a Julio Diniz, ja não tem lugar a reparação do sr. Damaso, porque o mais bello elogio que se lhe fez em língua portuguesa, foi o que as *Farpas* publicou. Mas Julio Diniz, em Portugal, pertence a uma certa camada de romancistas que não fazem parte das revoluções literarias, que estão sempre fóra de todas as questões, como Léon Gozlan no tempo de Gautier, como Champfleuri no tempo de Flaubert, como Ferdinand Fabre e André Theurier no tempo de Zola.

Nem auxiliam, nem fazem oposição a qualquer movimento. Para elles a literatura não é, nunca foi, uma luta de todos os instantes. E a pura satisfação de delicados apetites literarios que exigem d'esses homens que sejam artistas até as pontas dos cabellos, sem comitido se intrometerem nas questões e nas batalhas do dia. Julio Diniz foi isto mesmo, diga o que disser o sr. Reis Damaso. Só Eça de Queiroz é que foi o innovador.

**

A *Esthetica realista* apesar do seu bom cabeçal de erudição, traz vários erros que uma segunda edição certamente ha de espurgar. D'entre vários que anotei, sem contar as contradições em que o autor algumas vezes cai, ha um que

eu me atrevo a transcrever, para mostrar ao sr. Lourenço Pinto os perigos em que incorrem todos quantos estão atacados do *naturalismo morbus*.

«Um observador fiel n'uma arvore, nunca poderá ver outra causa que não seja uma arvore (sic!)»; mas os tons de cor e de luz é que podem variar segundo a natureza e valor dos dons artísticos peculiares a cada temperamento. É n'esta maneira de observar a realidade que reside o ideal dos realistas.

Como vêem o sr. Lourenço Pinto confunde *ideal* com *caracter individual*, com *personalidade*. N'um concurso de pintura o *ponto* é o mesmo para todos os concurrentes. Aquillo que entre si distingue as obras d'arte, a maneira que cada qual tem de pintar a natureza, é o que o sr. Lourenço Pinto chama *ideal*.

Acanhado *ideal* na verdade! Pois quer S. Ex. saber qual é o meu, qual é a minha maior aspiração?

É que todos os rapazes do meu tempo, mais ou menos mordidos pela febre das letras, não pensam um instante sequer em ser *realistas*!

O que eu deseo é que todos elles atirem com todas as estheticas para casa do diabo; que leiam Cervantes e Rabelais, Shakespeare e Dante, Camões e Goethe, Hugo e Molière, Flaubert e Balzac, Goncourt e Zola; que frequentem todos os museus da Hespanha, da França e dos Palzes Baxios; que leiam todos os systemas de philosophia desde Spinoza até Shopenhauer; que possuam uma grande independencia e uma grande cultura intellectual; e que escrevam o que lhes disser o espírito culto e o coração amante...

Nada d'obras d'arte, d'obras litterarias, obedecendo a processos fatais, como qualquer operação algebrica. Nem moldes, nem formas, nem cadinhos! Nada! Absoluta independencia, absoluta liberdade d'espírito!

Romancistas physiologists e romancistas psychologistas, tudo isso são classificações para assustar o público! Ponhamos de parte uma certa hipocrisia que ainda nos cobre, e digamos francamente aos novos, aos que começam, que só ha obras-primas quando o romancista deixou no livro, não uma parte da sua scienzia da sua erudição, mas uma parte do seu proprio ser.

Eça de Queiroz disse na minha presença a Emilio Zola:

— Querido mestre! Que soberba obra o *Cernival*! Como se sente que traz alguma cousa de si mesmo!...

E o illustre romancista sentiu-se feliz, por ter diante de si um homem que comprehendia a impossibilidade de escrever um tal romance, sem n'elle se deixar um pedaço do coração!

**

Que o sr. Julio Lourenço Pinto me não leve a mal a franqueza... A minha admiração é grande por quem escreveu a *Margarida*. Mas a sua *Esthetica* considera-a como um livro perigoso, mais perigoso que um livro de Shopenhauer entre mãos inexperientes, se por ventura os novos a vão seguir. Se isto acontecer, teremos dentro em breve uma camada de decadentes — em todo o caso divertidos, pelas teorias que há de professar e pelas coisas comicas que hão de escrever.

Estou até mesmo em dizer que é conveniente semelhante resultado. Mais forte há de ser a reacção do bom senso e do bom gosto!

MARIANO PINA

AS NOSSAS GRAVURAS

VILLEGIATURA

HESTAMOS na epocha em que todas as captaes ficam desertas, em que Paris fugiu para o campo e para estas praias famosas que se chamam Etretot, Dieppe, Trouville, Barritz, ou para o norte Ostende, e mais para o norte Scheveningen; em que Lisboa também foge aos terríveis culores de agosto e de setembro indo desbaratar Cascaes, para a Figueira, para Espinho e para a Foz, estas duas praias elegantes do norte de Portugal. Nas cidades os theatros estão fechados, cahio o pano por muito tempo sobre as comedias do palco; e as comedias da vida só agora se encontram ou palcos campos, ou sobre a areia dourada das nossas praias, tendo por fundo o immenso azul do Oceano, tendo por bastidores estes immenses e rumorosos pinheiros onde o vento entoa deliciosas symphonias...

Estamos em plena vida de pic-nics. Só se pensa em passar alegremente as horas; em esquecer esta vida mais ou menos atritulada em que todos andam empenhados quasi todo o anno, esta lucta infernal para a conquista do ouro, com o quasi tudo hoje se compra, tudo, mesmo felicidade, e ás vezes mesmo o amor! Todos procuram retemperar as suas forças, distrahir o espírito em alegres passeios ou pittorecas viagens, procurando mesmo coragem para recomeçar amanhã as grandes batalhas da vida.

A deliciosa creatura que a nossa gravura representa é uma d'estas felizes castellás a quem a Providencia não deu fortuna, mas a quem também brindou com um gracioso bebe. Só as arvores frondosas do seu parque, entre flores silvestres, como ella balança com amor, como ella olha com ternura a criança adorada a cujos pés repousa um doce e fiel companheiro... Os seus pensamentos estão bem longe da capital tumultuosa, longe das festas, longe das fatigas da vida do salão; goza como subem gozar as moças, e a sua alma tranquilla sonha no futuro reservado ao ser extremecido. Que a sua vida inteira seja tão serena como a ondulação d'este hamac, é o que ella deseja, é o que ella ambiciona: e enquanto as tempestades não chegam, é lá está no seu posto, confiante na sua mão e na de Deus, para proteger esta fresca e desculpada mocidade...

QUATRO RETRATOS DE V. HUGO

SERIAM precisos alguns vinte numeros da ILLUSTRAÇÃO para poder reunir todas as gravuras que se publicaram nos jornais franceses por occasião da morte do poeta, de quem hoje se occupa o nosso illustre collaborador Eça de Queiroz.

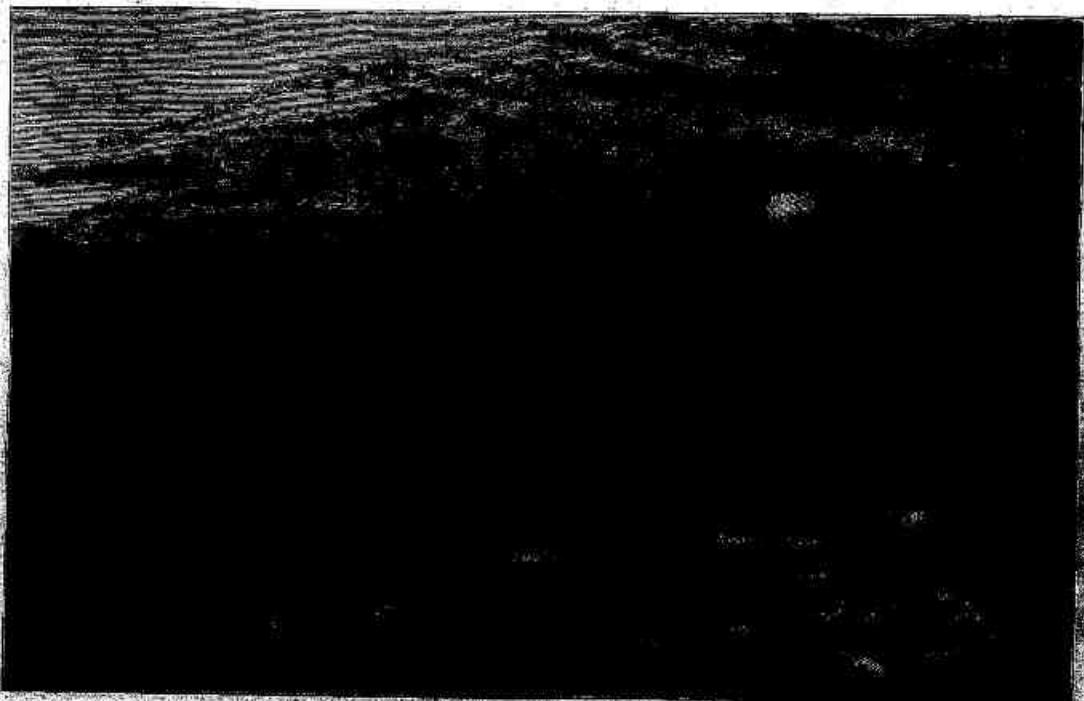
Muitas das gravuras já publicadas pela ILLUSTRAÇÃO tivemos de as reduzir a metade e a um quarto, pelo processo photographico, sem o qual elles não poderiam ter tido cabimento nas nossas paginas. E boje, que o romancista do *Primo Baylito* nos dá a honra de se ocupar na nossa revista do autor dos *Miseráveis*, pareceu-nos curioso desenterrr quatro retratos de Victor Hugo, tirados em diferentes epochas, e onde se vêem quatro Hugos em nada parecidos com o famoso Hugo de Bonapart publicado no n.º 14 — 1.º anno da ILLUSTRAÇÃO, ou com o Hugo de Bastien-Lepage primorosamente gravado do desenho original do malogrado artista por Ch. Baude, e publicado no n.º 11 — 2.º anno.

D'este modo os nossos leitores podem ter a firme certeza de que possuem a mais curiosa e a mais completa colleccão de gravuras que dixem respeito ao extraordinario poeta dos *Châtiments*.

E também, para completar a pagina, fomos obter autorização d'um dos primeiros colecionadores



QUATRO RETRATOS DE VICTOR HUGO



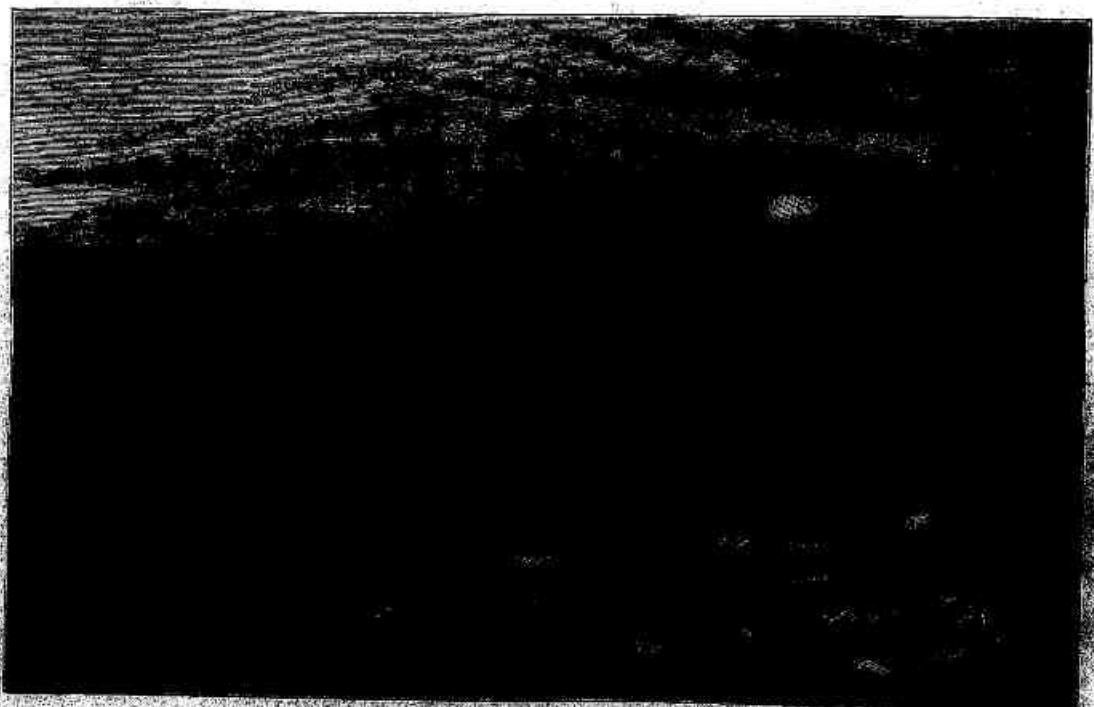
UM DESENHO ORIGINAL DE V. HUGO. — Uma tempestade



BRAZIL. — UMA PONTE RUSTICA — Desenho original do nosso colaborador F. Vilasça



QUATRO RETRATOS DE VICTOR HUGO



UM DESSENHO ORIGINAL DE V. HUGO. — Uma tempestade



BRAZIL. — UMA PONTE RUSTICA. — Desenho original do nosso colaborador F. Villaça

de Paris, para podermos reproduzir um outro desenho de Victor Hugo. Estas autorizações não são fáceis d'obter, por que há colecionadores — e estes são em grande número — que sustentam que uma obra rara que se divulga pela gravura ou pela photographia perde uma parte, não do seu valor estimativo, mas do seu valor real, no dia em que vai ao mercado. ora os colecionadores dos desenhos de Hugo são avaros das suas propriedades — mas n'um d'elles encontrámos extrema amabilidade, e a ILLUSTRAÇÃO oferece hoje aos seus leitores mais um desenho de Hugo, um d'estes desenhos onde parece que se revela latamente o carácter misterioso e dramático do artista que escreveu os *Operários do mar*.

Errata. — Quando nos numeros dedicados a Victor Hugo démos conta das manifestações de portugueses e de brasileiros, esquecemos-nos mencionar o nome do nosso querido amigo e brilhante colaborador Joaquim d'Araújo, o delicado poeta da *Lyra intima*. Em seu nome, o sr. barão de Tourtoulon, redactor em chefe da *Reyne du Monde Latin*, depois uma magnifica coroa de louros na cámara ardente do grande poeta do século xix.

BRAZIL. — UMA PONTE RUSTICA

AVELHA arvore colosal cahio, ferida por um ralo, ligando um despenhadeiro a outro despenhadeiro. Em baixo, o abismo, e d'este inferno só sae o rumor confuso das águas, correndo de pedra em pedra, de precipício em precipício... Pouco a pouco vieram as lianas, a velha arvore de novo brotou, de novo enraizou, mas agora para servir da passagem n'um sítio que ha pouco ainda era impenetrável. É assim que se formam as pontes rusticas nas florestas exuberantes e pujantíssimas do Brazil.

Toda esta vegetação maravilhosa é traduzida com imensa verdade pelo lápis do nosso colaborador Francisco Villaga, de quem vamos publicar uma interessante série de desenhos originais, que tão apreciados são dos nossos leitores.

A LIÇÃO DE PESCA

O DELICIOSO e risonho quadro que hoje oferecemos aos nossos leitores teve um extraordinário sucesso no *Salon* de Paris quando ali foi exposto ultimamente. É uma verdadeira preciosidade artística, e é também uma página de grande actualidade, no momento em que está em plena efervescência a vida das praias.

Se os nossos queridos leitores se quizerem dar a um pequeno trabalho de memória, hão de ver que em todos as estações do anno a ILLUSTRAÇÃO tem sempre procurado oferecer-lhes páginas allusivas, reunindo n'um só numero as scenas e os acontecimentos mais predominantes. No anno findo oferecemos-lhes um numero exclusivamente consagrado à vida das praias do campo; e acompanhando a marcha dos acontecimentos importantes que surgiram d'um numero todo consagrado à China é outro ao cholera; também não esquecemos o Natal, nem o Carnaval; e este anno todos se lembram do interesse com que foi acolhido o nosso numero extraordinário do *Salon*, um verdadeiro arrojo entre publicações como a nossa impressas em língua portuguesa; e os numeros dedicados a Victor Hugo, sendo a ILLUSTRAÇÃO o único jornal em português que deixou um mais curioso documento d'estes famosos funeráres feitos ao poeta mais extraordinário do nosso seculo.

E hoje novamente procuramos uma brillante actualidade para os mezes de vilaigatatura. É o notável quadro de Alfred Guillou, um dos pintores mais symptomáticos da nova geração d'artistas franceses.

Acordara, em pleno mar calmo, unido como um lago; e salticado de todos os lados pelas silhouëtes das embarcações que se desenharam n'um céu claro, a barca do primeiro plano está immóvel.

Um velho marinheiro abre um peixe que ovazol, segura solidamente à linha que acabam de puxar. O pescador está todo entregue, com uma gravidade

quasi solemne, a esta operação que captiva imenso a encantadora mulher sentada junto d'elle, n'uma attitude concentrada. A sua mão segura ainda a linha que serviu para a famosa captura. Se ella visse a pesca miraculosa de que fala a Bíblia, certamente que não gozaría tamanho prazer. O artista reproduziu sua cena com uma habilidade e uma distinção extraordinárias. O seu pincel oferece-nos um verdadeiro poema, cheio de grandes qualidades d'observação e d'uma scienzia de execução indiscutível. É um soberbo quadro de gênero, precioso pela sua composição espirituosa e brillante.

E o nosso assíduo colaborador Ch. Baudé que ainda no numero passado nos ofereceu o magnífico retrato de Pinheiro Chagas que a ILLUSTRAÇÃO publicou — reproduziu o quadro de Guillou com esta superioridade e consciencia artística que fazem d'elle um dos artistas mais celebres da nossa época.

O Dr. FERRAN

JAYME Ferran, o medico hespanhol que acaba de obter uma reputação europeia com a sua vacinação do cholera, nasceu em Corbera (Tarragona).

A sua residencia actual, ou antes a da sua família, é em Tortosa. O gabinete para consultas e o laboratorio que tem sido visitado por médicos portugueses, franceses, belgas e ingleses — acham-se instalados n'uma casa de construção moderna nas margens do Ebro.

O laboratorio é uma cámara escura de cerca de doze metros de superficie, sem outra abertura que uma porta comunicando com o gabinete.

O doutor Ferran tem trinta e sete annos de idade. Apesar de ser numerosa a sua clientela em Tortosa, ha muito tempo que elle empregava uma parte do seu tempo em conscientiosos estudos dos trabalhos de Pasteur, chegando a preparar com este, as diferentes vacinas do carvão, do cholera das galinhas, etc.

Quando o cholera rebentou em Toulon (França) o dr. Ferran foi escolhido pela municipalidade de Barcelona e mandado com uma commissão para estudar a terrível epidemia.

Foi por esta occasião que elle reuniu uma grande porção de dejeções choléricas e, quando voltou para Hespanha, multiplicou as suas experiencias. Depois d'algumas tentativas sobre diferentes animaes, inoculou em si o terrível mal, repetidas vezes, observando que a cada nova inoculação as perturbações diminuían de intensidade, chegando a serem nulla.

Muitos dos seus amigos, animados com este exemplo, submeteram-se à experiência e poderam notar os mesmos factos.

A partir d'ahi, a importancia da descoberta e a sua utilidade pareceram factos consumados para a ciencia.

O rei e o governo hespanhol foram prevenidos da descoberta por um relatorio comunicado à Academia de medicina. Depois o cholera rebentou em Hespanha, e o dr. Ferran pôde continuar em larga escala as suas experiencias. Já sabem o resto os nossos leitores. O doutor tem vacinado mais de 40,000 pessoas e, não obstante certas contestações, a efficacia do seu sistema parece demonstrada. E se assim é, o dr. Ferran alcança uma bella victoria, e o seu nome ficará ligado a uma das descobertas científicas mais notáveis do nosso seculo.

BARÃO DE THERESOPOLIS

FERDINANDO Francisco Ferreira de Abreu nasceu na província do Rio Grande do Sul, Brasil, em 18 de novembro de 1823.

Formou-se na faculdade de medicina, na cidade do Rio de Janeiro em 1846; e depois, em Paris, em 1849.

Voltando para o Brazil, foi nomeado lente cardeinal da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, por concurso, em 1852. Em 1864 foi nomeado medico de Sua Magestade o Imperador, merecendo a carta de conselho, pelos seus relevantes serviços, em 1866.

Mais tarde foi professor de Chimica e Physica de Sua Altezas as princesas Imperies; em 1873 foi agraciado com o título de Barão de Theresopolis. Era commandador da ordem da Rosa e cavaleiro do Christo do Brazil; e commandador da ordem do Christo de Portugal.

O barão de Theresopolis ha muito que habitava em Paris, e não só era grande no Brazil a sua reputação como um dos primeiros medicos do Imperio, mas era também imensamente considerado em França, na Academia de medicina e na Academia das ciencias, onde foi lido um seu notável estudo intitulado *Recherches sur les poisons métalliques*, a que lhe valeu ser o seu nome inscrito na lista dos *savants étrangers*, onde são apenas inscritos os homens de ciencia cujos trabalhos a Academia aprovou e elogiou em assemblea.

O barão de Theresopolis era de ordinario o representante oficial do Brazil em quasi todos os congressos scientificos que se realizavam na Europa, e nos quais tomava sempre uma parte muito activa. Tambem contribuiu, e muito, para a propaganda do café do Brasil nos mercados europeus.

O barão de Theresopolis morreu em Paris no dia 14 de julho findo. Foi enterrado no cemiterio de Batignolles, e ao seu enterro compareceram os membros mais notaveis da colonia brasileira de Paris, e varias notabilidades medicas de França.

NO RIO LESSEPS

COMO os nossos leitores vêm pela gravura que publicamos em outro lugar d'esta folha, não é tão divertido como possa parecer à primeira vista uma viagem pelo rio Lésseps e pour outros rios da America, onde às vezes internam os exploradores europeus.

Um dos sítios da America do sul para onde se dirigem mais explorações scientificas é para o Amazonas. Paiz ainda em parte desconhecido, é aí que a lenda coloca o Eldorado, cujos palacios em ouro massiço se reflectem nas ondas dos lagos seductores. Mas até hoje ainda nenhum viajante encontrou esses famosos palacios; sómente uma riqueza assombrosa do solo, de fauna e de flora.

A viagem pelos paizes meio ignorados da America, sendo imensamente pitoresca, é às vezes imponentemente arriscada. A nossa gravura representa uma cena que por ser muito vulgar, não é por isso menos tragica. A jangada desce o rio. Os exploradores tomam as suas notas, coordenam as suas observações, observam a supreendente paisagem. O guia, o negro fiel, dorme tranquilamente. Já de longe que o jacaré o vem espreitando. A jangada desce morosamente; o jacaré aproxima-se pouco a pouco da sua vítima, e num instante, agarra-o pelas pernas e leva-o para o fundo do rio. Minutos depois só se vê sobre a agua algumas manchas de sangue — e é tudo...

O desenho da nossa gravura foi-nos comunicado pelo irmão d'um distinto explorador frances, agora internado no sítio Amazonas.

NEM CINCO REIS...

HA todo um mundo de sensações, de desejos, de espantos e de desespero, nestas atitudes petrificadas das duas crianças, paradas diante da sedutora exposição d'este velho negociente d'imagens. Nem cinco reis para comprar um boneco! E a figura do velho é impassível, como a figura dum carrasco...

Os tipos reproduzidos pelo pincel de Buland são d'uma verdade extrema. As duas crianças são encantadoras na sua tristeza e na sua sereinidade; e o vendilhão é spanhão em flagrante verdade e com muita bonhomia.

Quando esta tela apareceu no *Salon* sob o título de *Pas Je sou!* o publico de Paris aplaudiu-a com entusiasmo, e a critica parisiense tocou-lhe largos elogios. Era um quadro que não podia faltar na galeria da ILLUSTRAÇÃO, tratado pelo dedicissimo buril do nosso colaborador Ch. Baudé.



A LIÇÃO DE PESCA. — Quadro de Gustave Doré. — Gravura de Ch. Baude.



UMA CARTA

SOHN.

VICTOR HUGO

Como a Ilustração desejava oferecer aos seus leitores um trabalho eminentemente original entre a ilustração de artigos que se tem publicado acerca do poeta dos Châtiments — escrevi para Inglaterra ao meu ilustre amigo Eça de Queirós, pedindo-lhe que nos contasse que impressão causara o obra de Victor Hugo entre os homens do seu tempo, os homens que assistiram a essa época curiosa da política francesa, quando o segundo império mandava para o exílio todos os homens de gênio, desde Prudhon até Victor Hugo. A excessiva modestia do grande romancista português levou-o a responder primeiramente que se desculpava do encargo por não saber que dizer no momento doloroso em que todos os admiradores de Hugo olhavam para o venerável cadáver, os olhos arregalados de lágrimas. Outro como um diretor de jornal! tem por principal condicção ser terrível... para não empregar outro termo mais feio, ou referir-me à minha pessoa, por exemplo: massador! — nova carta para Bristol... Mas como entre nós ha uma causa que vence todas as dificuldades — uma solidári amizade — invocada a Amizade a causa não podia deixar de não vir. E veio — toda cheia de entrelinhos, de rastros, de margens cheias de erratas, absolutamente no seu primitivo estado, para enfatizar a urgência d'uma jornal. — Dito isto, deve ainda dizer que a Ilustração se orgulha por ter a sublime honra de ver mais um vez nas suas colunas o nome festejado de Eça de Queirós; que o amigo apetece, reconhecendo, a mão do amigo tão prodigo em ricas presenças; e que o director da Ilustração felicita o seu público pelo primorosa epístola que segue... .

M. P.

Meu caro amigo

ESTAMOS Parisse preparativa, com um patriotismo ruidoso, a celebrar a definição cívica de Victor Hugo — V. deseja que fosse eu, devoto de Mestre, quem recordasse na Ilustração a genial grandeza do homem e da sua obra. Respondi-lhe que, nesse momento, eu sentia apenas a mesma emoção confusa, que agitava Paris — e que só saberia juntar-me ao tumulto do glorificá-lo, oferecendo minha poética palma verde, e deixando também alguns grãos d'incenso sobre as chamas sagradas. E hoje que a apoteose do épico dos Misérables parece já tão remota como a coroação do prosador da Henriade, descubro ainda, perante a sua amável insistência em conhecer qual foi a ação de Hugo na minha geração literária — que este fanatismo do Mestre, de que não me queijo curar, m'impedia toda a critica lucida e calma.

Eu admiro Victor Hugo, meu amigo, justamente como elle admirava Shakespeare — comme une brute. Amo-o em toda a sua luz solar e em todas as suas estranhas manchas: mesmo diante d'aqueles lados da sua vida e da sua obra, donde todos se retiraram, impávidos e sorrindo, eu permaneço obcecante prostrado. Eu sou, meu amigo, dos que acreditam ainda na sociologia de Hugo! Já ve V. que a Ilustração nada tem a ganhar com as opiniões dumas pessoas tão embrateadas na sua superstição.

Nem sei mesmo, francamente, o que V. deseja averiguar — a influência que Hugo teve na minha geração literária; e não sei a influência geral que elle exerceu na literatura francesa, de que a nossa é um reflexo ao mesmo tempo

bisonho e afeitado. Os meus mais queridos camaradas de lettras (com exceção do poeta, irmão de Juvêncio), que escreveram a Monte de D. João nem jamais se impregnaram de Hugo, nem mesmo o admitem senão incidentalmente, pelo sua fortaleza de luctador e pelo raro poder do seu verso lírico: de resto mantém por elle uma respeitosa aversão.

Não é para uma curta familiar explicar esta dissidência dos meus amigos em que entram razões de filosofia e razões de temperamento: bastu dizer que a um d'elles, um dos mais nobres e altos espíritos críticos do nosso tempo, ouviu eu, com inexplicável honor, chamar ao Mestre «papagaio de gênio» e «foco d'infecção espiritualista»; e ouviu, a quem coube a glória de ressuscitar o velho Portugal histórico que dormia no fundo de venustas chronicas coberto de rapé de fraude, pintou-silos Hugo recentemente, no prologo d'um livro de versos, como um enorme Silesio, borbulha d'emphase, pondo à bocca um cantarco colossal a transbordar de rhetórica.

Enquanto a geração mais moça, primavera sagrada que dá a sun flor nesses escritos publicados todos as matinhas», como diz pudicamente o arcebispo de Paris — essa altitude sempre a Hugo mysteriosamente, chamando-lhe o «Titân», o «colosso», o «gigante», o «volcão». Não se pode saber por tais exclamações qual seja a impressão que lhes deixou a Lewin dos Séculos; por que esta maneira de falar d'um poeta, tratando-o de «volcão» é apenas um modo inhabil de se desembarrar do severo dever de o comprehender. Suponho que a influencia d'Hugo, entre nós, se manifestou sobretudo na imitação d'aquillo que mais nos importa como meridionnes — a forma, a imagem, a maneira luxuosa de enropar a ideia... Homens voluptuosos do paiz do sol, amando principalmente os sons e as cores, n'um poeta admiramos apenas o brilho do verbo no que elle tem de mais material: por isso em Hugo applicamo-nos principalmente a arremediar o modo estriidente e lampiante de chocar a antithese. Creio que não nos preocupamos de mais nada — como recentemente, no Naturalismo, de todo indiferentes aos novos methodos d'analyse que elle trazia, apressamo-nos apenas a contrafazer os seus feitos inesperados de traço e de colorido. Em todas as evoluções da Arte nós nunca aproveitamos com os principios, e ficamos sempre com os maneirismos.

En quanto à influencia que Hugo teve em mim, vale por acaso a pena, caro amigo, memorar coiso tão pessoal e tão desinteressante? Eu appendi quasi a ler nas obras d'Hugo: e de tal modo cada uma d'ellas me penetrar, que como outros podem recordar epochas de vida ou estados d'espirito, por um aroma ou por uma melodia, ou rejeço de repente ao reler antigos versos de Hugo, todo um passado, paizagens, casas que habitei, occupações e sentimentos mortos... Fui realmente criado dentro da obra do Mestre — como se podia ser criado n'uma floresta: recebi a minha educação do rumor das suas odes, dos largos sopros da sua colera, do confuso terror do seu deísmo, da graça da sua piedade, e das luminosas nevoas do seu humanismo. Tudo isto erguia em torno de mim como uma floresta; e elle comunicou-me, para bem ou para mal, meio do seu vago, das suas sombras e das suas injustificaveis visões. Foram meus, com paixão, os seus odios; e corri enleado atroz do voo lírico dos seus entusiasmos. E assim que sempre fiquei detestando esse personagem sorumbático e narigudo, que dá pelo nome equivoco de Napoleão III, nas sentinelas da Historia — sem que de nadu me tivesse servido o verificar mais tarde que elle era apenas no fundo um polare Gesar, chimerico, hipocráctico, debochado e banal. E assim que me conservei acreditando dedicadamente nos Estados Unidos da Europa, mesmo quando amigos caritativos me procuravam arrancar, com supplicas e sarcasmos, para fôrta d'essa crença infantil.

Acompanhei Hugo na sua indulgência arrebatada por todos os transviados, todos os vencidos, e todos os miseráveis. O Deísmo d'Hugo foi o meu; como elle vive fe no Messianismo da França — e um horror irracional, indomável, a esse quartel bezuntali de metaphysica questeava para além do Khem. Kis a minha lamentável confissão. F. humilhante dâ-me a apariencia d'uma herva relva, tremula juntar ás raizes d'um cedro, e vivendo dos restos da sua seiva. Tem havido, é certo, brescos revoltos na minha idolatria. O mesmo povo d'Israel com todo a sua frenética paixão por Jehovah — achava-o de vez ininterável. E quando eu via ultimamente Hugo morar o venerando e santo Darwin, como um inglez petulante e vao, de monocolo e de luvas amarellas, que possa, por excentricidade e humorismo, um rabo de macaco nas costas do homem — deixava pendur a cabeça entre as mãos, chosia da vergonha e dor... Mas embri, aiuliu realis com suficiente perfeição o tipo do Hugo-latre. Para mim o Mestre permaneceu exelso e augusteo entre os homens. Je l'admirre comme une brute.

Amo toda a sua obra — romance, satyras, drama, visão, poema, critica, discurso, canticos e canção da rua. Elle impõe-se-me pela sua grandiosidade harmoniosa unidade. Hugo é um poeta épico; e n'ele tudo, ou seja romance social, ou estrophe a Jeanne, ou estudo sobre Voltaire — tomou a forma épica. Toda a sua obra é de facto uma vasta epopeia, em mil fragmentos, de prosa e de verso, tendo por assumpto a luta do Homem e da Fatalidade — fatalidade da Natureza, fatalidade da Religião, fatalidade da Sociedade.

Pode por vezes pintar este formidavel combate n'uma completa e patetica historieta como os *Travailleurs de la Mer*; pode murmurar-lhe apenas uma fugitiva e tremula impressão junto d'um berço, ou vendo no campo os semeadores deitar o grão à terra. Mas estrophe d'avi enternecidão, ou larga imprecacão de profeta, tudo pertence à mesmo epopeia.

Esse doloroso batalha do Homem e da Fatalidade — Hugo não a analysis, nem a explica. Canta com a exaltacão d'un bardo — ora cheio d'infinita compaixão, ora tomado d'infinita collera. Sob a indignação ou sob a piedade, porém, palpita sempre e fortemente a certeza da definitiva victoria do Homem: — e elle vê em fim, em todo o exemplar d'un Adão perfeito, desembargado das Religiões, máscaras suffocantes e falsas do resto de Deus, livre de Realeza, forro de todas as servidões sociais, quasi libertado das leis mesmas que fixam os seus pés à terra e remontado ás nuvens nas invenções do século xx. Esta affirmation do triunpho ultimo d'Adão é toda a sua Philosophia: — e toda a sua prodigiosa Arte foi empregada em contar os heroismos eos desfalcements d'essa desesperada ascension para a luz.

Pars dizer tão sublime conflito — elle creou o verbo mais poderoso e mais bello que jamais, creio eu, encantou ouvidos humanos. A lingua pura e sobera de Ronsard, de Racine, de Voltaire, admiravelmente trabalhada para exprimir sentimentos medianos e equilibrados, e por isso perfeito como instrumento de critica — seria inteiramente impotente para esta esforçada Epopeia. Teve por isso de construir outra linguagem que podesse traduzir todo o Homem, toda a Natureza, nos seus mais reversos extremos, desde o bestial ao divino: tão fina, delicada e transparente, que n'ella podesse transmitir-se, sem se evaporar, o aroma d'uma simples flor-alvestre; tão forte e resplandente que, atraídas d'ella, ganhassem em brilho e força o diamante e ouro; tão duclie, penetrante, transcendente, que podesse modelar o invisivel e dizer o indivel. Hugo disse o indivel, desde o esgarço scismar dos olhos azuis d'uma creança, ate as cordas de vento que varrem o mar da Mancha... Por isso, quando considero essa assombrosa epopeia, agitando a mais alta questão que se pode levantar ante os homens, e cantada, eo som da



O DR. FERRAZ FERRANDO O BARAO DE THERESOPOLIS



AMERICA - COMO SE VIAVA NO RIO LESSEPS



NEM CINCO REIS... — Quadro de Julianó. — Gravura do Baude.

Lyra de mil cordas, n'uma língua como jamais houve ouvir na terra — parece-me que os meus amigos queridos exageram, dizendo que este homem que assim pensou, este homem que assim falou — era um « papalvo genial » e um « Silêncio borradão d'Impressão... »

Sim, de certo, Hugo não tem simplicidade, nem ironia. Divaga às vezes acerca d'uma árvore, ou sobre o canto mágico d'um muro com o clamor e estonteamento d'um profeta. É porque Hugo, como todos os profetas, vive na chama d'uma ideia unica — a peleja vehementemente do Homem e do Fado. Ela é a companheira espectral da sua vida; surge-lhe de repente de trás das coussas mais singelas, sollicitando-lhe a commiseração ou a ira; — e assim, na raiagem que gema sacudida pela tormenta, elle sente logo as lamentações d'uma multidão opprimida, e não pode debrugarse sobre um berço adormecido, sem que tanto paz lhe recorde as violências que revolvem o mundo. E faltu também a Hugo a ironia: testemunha d'essa contentade de que o seu olho de vidente julga surprehender a cada instante os invisíveis e terríveis episódios, elle permanece num *perpetuo* estado de vibração tragica — em que se não poderia já-mais produzir a ironia.

Esta ausência d'ironia, faz de certo cahir o grande poeta em grandes fraquezas, não sendo d'ellas a menor esse pavor misturado de adoração que lhe inspira o Universo — e que nos parece, a nós, tão anti-scientífico. Nenhum de nós, com efeito, que fizemos com honra o nosso exame d'introdução aos treze Reinos, imaginaria jamais que nas fibras da origem, que Hugo tão grandiosamente e espavoridamente inventou nas *Contemplations*, se debate presa, e para sempre enrissada de coidar, a alma negra de Judas. Nós, infinitamente mais instruídos, conhecemos, graças a Deus, a honesta natureza da origem, — e estamos ao facto de que Judas foi apenas talvez um patriota exaltado e insossido. Encontrando aos pés uns pedras, não só ficamos — num tremor d'emoção, a interpelá-la em violentas estrophes à espera que uma voz do dentro respondesse revelando o incófivel mistério: homens positivos, as pedras utilizaram-se para levantar mais o nosso muro ou apedrejar mais o nosso semelhante. Mas um alto espírito poético que n'um *perpetuo* arranque, quer penetrar para além do mesurável e do tangível, decifrar a pedra e tocar no segredo das coisas — se não produz resultados que a ciencia possa registrar, sobe mais que nenhum outro espírito criado até às proximidades d'esse Ideal a que nós damos, por convenção, o nome tradicional e theologico de « Deus... ». E se esse ancião esforço para chegar à beira de Deus, como diz Proudhon, não faz que a terra não dé mais frutos, nem que decreçam as dores humanas — promova uma alta educação espiritual, levanta os corações, eleva da pesada materialidade para as formas mais belas e mais puras do pensar e do sentir, e dá docemente à vida não sei que gosto divino... Hugo é de todos os poetas aquelle que no seu ardente idealismo mais chega à beira de Deus.

Este soluço agitado que actua através de toda a obra d'Hugo parece tirar-lhe a superior serenidade — que é a bela-sobrana da Arte. Mas serenidade não é indiferença. Nada havia mais sereno (se V. me permite esta livre comparação) que Minerva, padroeira d'Athenas; e todavia, como V. sabe, ella ingeria-se nas contentões dos povos, arrebatava os cabelllos dos heróis, e bateu-se furiosamente, armada de diamante, em Salamina e em Plataia. A sua immortal serenidade consistiu em que todas as suas acções de Deus concorreram n'uma bela harmonia para um fim justo e bello — a independência e a glória d'Athenas, o vitorioso aperfeiçoamento da sua raça formosa, a pacífica efflorescência do seu gênio equilibrado, a certa magestade da sua república, a perfeição de formas como o frontão d'un templo. Assim sucede com a mesa d'Hugo: courcada d'ouro,

ella trespassa de flechas os opressores, geme sem fim sobre os vencidos, pernambuca toda a Natureza, revolva todo a História; mas este apparente delírio tende a um fim de excessa serenidade — a concordia universal, a resguardada igualdade, o reino imparável da Justiça... E este Pariso prometido pelo poeta, distante como está, banha todo a sua obra d'uma immortal claridade — que é a essencia da serenidade.

E a alta beleza da obra d'Hugo, está justamente n'este forte optimismo, em grandioso é no Homem, a certeza radiante de que elle triunfará das fatalidades e dos captivadores. O que apenas desliza talvez — é o excessivo papel que elle dá à França no libertamento definitivo da humanidade.

Decerto, educado por Hugo, eu creio piedosamente no Messianismo da França. Ninguen mais do que a França tem contribuído para fazer do rude barbaro do seculo vi o homem culto do seculo xix. Elle possue no mais purgau essas divinas qualidades espirituais de *cura e luz*, que são os mais penetrantes agentes da educação humana. Ningum como elle deu ao mundo a grande lição da igualdade; e a egualdade é de certo a maior evidencia de civilização. Mas, mesmo amando-se a França, não é possível aceitá-la, tal como Hugo a concebia, como a pintou em versos bem convidados — coberta d'ouro e de sinopla, vindo a combater só em campo o grande combate, seguindo submissamente por um leão familiar que é Deus. A criação do Paraíso humano, se ella é todo realisável, não será obra exclusiva da França armada trazenço Deus ataz, como um mollosso de batalha; — mas será obra collective de nós todos, latinos e saxónios, que pertencemos a essa Nação brillante de claridade, sem fronteiras e sem capital, que se chama o Espírito... .

Em todo o caso foi este Messianismo da França, sem cessar e explendidamente cantado aos ouvidos franceses como um Acto d'Esperança, que tornou Hugo tão prodigiosamente amado em França; além da necessidade que a França teve, depois de dentro de 1870, d'oppor à supremacia política d'Alemanha uma supremacia intellectual, encarnada, como pedia o instinto latino, não n'uma classe, mas n'um herói. De resto, é Hugo perfeitamente um francês, um gaulez? Antes me parece ás vezes certo e testimonio. O seu gênio sombrio; a sua visão descommunal; o seu inquieto espiritualismo; esse explendor de linguagem que torna as suas ideias difíceis de circulação, por que em vez d'essa ligereza de medallha, que dá as ideias francesas a sua facilidade de transmissão, ellas oferecem a pesada complicação d'um monumento — tudo isso se me figura estar em contraste com o espírito francês definido, sobrio, exacto, regrado, claro, terro e positivo.

Elle mesmo diz algures que Hugo é um nome saxónio. Pelo pae, pertence aos Vosges, terra de gente tenaz, d'ali herdou talvez o seu ferreo heroísmo de vontade. Pela mãe era da Bretanha, o reino poético das sete florestas, a mais bella das quais, a de Broceliante, pertencente de direito ás Fadas; d'ali tirou talvez a sua vasta e umbrosa imaginatio. No fundo todavia é bem francês, e tem as duas qualidades latinas — ordem e luz. Ha simetria no seu delírio; e as suas mais violentas concepções são repassadas de luminosidade interior.

Uma grandeza d'Hugo, bem francesa, é a sua larga clemencia, a sua infinita piedade pelos fracos e pelos pequenos... E nisto a sua ascendência pessoa consideravelmente sobre o seculo. Hugo de certo não inventou a mesericordia; mas popularizou-a. No proprio Evangelho, ainda ha muita clemencia: Jesus tem palavras inexoráveis de condenamento e castigo. Hugo, sobre tudo na sua velhice, tinha chegado a um tal estado de « piedade suprema » — que perdoava mesmo aos tyranos, aos ferozes exterminadores de povos, e aos monstros. E a sua justificação de Torguemata, que queimava por amor,

para purificar a creature e dar-lhe a trago d'uma angustia fugitiva a bemaventurança eterna, constitue, alem d'uma obra d'arte incomparável, o ponto culminante da excellencia moral d'Hugo. Elle deu um profundo abalo de compaixão à alma humana: a philanthropia, que é a aurora confusa e vagia do Socialismo, coincide, como pratica social, com a sua predicção lyrica da Bondade. O seu nobre clamor pelos fracos penetrando as almas, terá uma acção nos codigos: — e por que um poeta cantou, o mundo torna-se melhor.

Por uma razão paralela eu considero como eminentemente fecundo a accão politica d'Hugo. No seu tempo Hugo não era um homem d'Estado, como Turgot; Hugo é o bardo da Democracia. A elle não compete organizar; compete anunciar. Elle prega, n'um radiante lyrismo, o advento do Reino do Homem; e a sua voz rythmada chama a elle as multidões. As instinctivas massas humanas não se movem senão pela imaginação e pelo sentimento: a logica persuade o homem culto, mas não converte o simples. Um apello à Liberdade e à Justica, feito em estrophes que seduzem como as antigas « vozes do céu », arrebatam turbas, que longos volumes de philosophia deixaram indiferentes. Quando se quer fazer marchar um regimento não se lhe explica, com a subtileza d'um protocolo, os motivos que levam á guerra; desdobra-se uma bandeira, faz-se soar um clarim, e o regimento arremete. O Christianismo foi feito assim, com imagens, com parabolias, com declamações. Todavia no tempo de Jesus, antes d'elle, houvera homens como Hilla, Schumain, e o nobre Gamaliel, cujas preâmbulas continham já todas as semenes do Christianismo: mas que eram doutores, argumentadores, politicos, homens praticos. Ninguen os escutou. Surge um inspirado, lá do fundo da Galileia, que vem fallando vagamente de piedade, de amor, de fraternidade, e do Reino delicioso de Deus — e o mundo maravilhado deixa os velhos cultos e as velhas ocupações e vai atraç d'ele, preso para sempre. São os hymnos que fazem as revoluções: — e não conceder influencia social a Hugo, porque elle não escreveu como Stuart Mill, parece-me não querer percibir que em todos os movimentos sociais o mais podocoso agente é o sentimento, e que tão benemerito é a Democracia aquelle que a recruta cantando, como aquelle que legislando a toru depois estava e forte.

Era carta, caro amigo, começada para lhe recusar, como inúteis e pouco originais, as minhas impressões de seccario, vai descabindo n'uma infundável jactacular ao Altissimo Poeta. E ao terminar, recordando esta immensa obra, tão esplendida gloria, perguntei o que ficari d'aquele, a séculos, de Victor Hugo? Talvez apenas o nome — como ficou o de Homero, o d'Eschilo, o de Dante. Com o longo velver dos tempos, os nobres genios que fizeram vibrar mais fortemente a alma do seu tempo, passam pouco a pouco a ser apenas — o estudo dos comentadores. Propriedade popular outrora, acclamado nas praças — hoje in-folio de biblioteca, a que só alto eruditismo sacode o pó. Quem le hoje Homero? Quem le Dante? Qual de vós, qual de nós, leu a Odyssea, e o Sete deante de Tebas, e Sophocles, e Tacito, e o Purgatorio, e os dramas históricos de Shakespeare, e as Voltares, e até Camões? De certo, tecem-se opiniões sobre o « nobre estilo de Tacito », e a ironia d'Aristophanes; mas essas sentenças transmitem-se, já feitas, para uso da Eloquência, um pouco apagadas e cheias de veredito, como os patudos que vão de mão em mão. Cita-se Virgilio — mas le-se Daudet.

Apenas, aos vinte annos, ao entrar para uma Universidade, no começo d'uma carreira deletras, se abre aqui e além esses que chamamos « os clássicos », e se percorre distrahadamente algum episódio mais famoso — como o Francesco de Rimini ou uma arena do Gai. Depois se torna a encontrar o grande Poema ou o grande Drama mais tarde, n'uma sala, sobre a

meza, com ilustrações d'um Doré, uma encadernação tão dourada como a caixa d'uma mumia egípcia, e servitório d'outamento ao lado d'um cofre de marfim ou de rosas frescas rúm véso da China. A *Divina Comédia*, o *D. Quijote*, a *Hílada*, são hoje, a não ser para os comentadores, ou para espíritos requintadamente literários — volumes decorativos. A multidão conhece apenas Hamlet por o ver constantemente em oleogrammas, vestido de negro, entre a neve d'um cemitério, com a caveira de Yonick na mão. E Fausto escaparia da nossa memória — se não se apresentasse todas as noites diante dos lustres, a cantar-nos, ao som dos violoncellos, os anelios da sua vasta alma, arranjados em arias e em valses onde se embala o seicento das mulheres.

Todavia uma coisa fez dos grandes genios: o contorno lendario da sua personalidade. É como um retrato moral que se fixa na imaginação, e que se vai reproduzindo através dos tempos: assim perpetuamente vemos Dante nas suas longas vestes fúnebres, lívido, e sinistro, e contemplado nas ruas com terror, como aquele que voltou do Inferno. E essa imagem material toca o homem de genio tanto mais popular nas gerações futuras, e tanto mais amado, quanto elle mais symboliza a artilharia moral que o seu espírito tomava no serviço da humanaidade: assim veneramos a figura de Voltaire, que invariavelmente nos apareceu na sua poltrona em Feynay, soltando de labios que sorvem sempre, e que já não podemos conceber sem a sorriso, esses epigrammas que iam ferir mortalmente no flanco a Velha Sociedade.

Por isso, eu suponho que d'aqui a quinhentos annos, apenas se saberá o nome d'Hugo. A mocidade nas suas primeiras curiosidades literárias leia uma ou outra das suas poesias lyricas; e só, confusamente, se conhecerá quem era Jean Vaizien ou Triboulet.

Mas a sua personalidade será sempre lembrada: e eternamente será visto, em infinito gloria, como elle mais impressionou o seu seculo, — não pacifico e ancestral, cercado da idolatria de Paris — mas longe, na sua ilha de Guernesey, sombrio e agitado, lançando imprecacões contra os tyranos, defendendo todos os oprimidos, e por sobre o rumor do mar fallando aos homens, explodindo bombas, de Piedade, de Paz, de Fraternidade, de Liberdade e de Perdão.

Bristol 20 julho 1885.

Era de Queiroz.

BRANCA VISÃO

*Do fio do dia à horapensativa,
Quando da noite vem calmo o manto
Por sobre a terra em paz, doce quebranto
Nos traç a luz no longe fugitiva,*

*E então no silêncio, ó casta diva,
Do crepusculo da turfe, meigo e santo,
Que eu te vejo, suave como um granto
D'um anjo, ou de mulher contemplativa.*

*Eyes p'ram' trazendo a loura branca
Nunca d'ouro ao vento desprendida...
Desvive um sorriso, depois. Tais herança*

*D'um anjo que, ao morrer, em despedida
Deixa o mundo. E junto a mim ficas creançã
Fallando... co a cabeça a mim pendida!...*

Porto,

P. do R.



A primeira condição d'um jornal diário, é de aparecer todos os dias; — direi mais, é talvez a sua unica condição!

Autor: KAKR.

Na reputação fundada sobre a estopadura, escriptores que o publico prefere admirar — a 181 os.

Isom.

A história fala-vos dos outros, e romances fala de vós.

Isom.

Não ha em França uma amiga consu grande, boa ou mal, em política, em literatura, em arte, que não tenha sido inspirada por uma mulher.

Isom.

O que se chama em geral retrato: é o conjunto de dois olhos, d'uma boca e d'um nariz, que, se alguma vez chega a parecer-se com alguém, infelizmente não é com a pessoa que esteve collocada diante do pintor.

Isom.

A vida deve ser uma elucubração incessante: é preciso saber tudo, para depois falar ate morrer.

Flaubert.

As mulheres pensam com o coração e enganam-se muito menos que os homens, que pensam com a cabeça.

Lescure.

Todo o excesso de prazer é compensado por uma sonora igual de trabalho e de aborrecimento. Não se gasta impunemente n'um anno, uma parte dos rendimentos do anno seguinte.

Swift.

Nada se parece tanto com um asno vestido com elegancia, do que um mau livro bem encadernado.

AUGUSTE SCHOLL.

Nas cinzas d'uma correspondencia destruída, ha sempre velhas paixões de duas almas.

TH. GAUTIER.

De todos os luctos, e unico que mais inconsolável deixa verdadeiramente o homem é o da mocidade,

Cheville.

Os revolucionarios politicos parecem-se bastante com estes regadores das estradas d'as ruas, que podem fazer lama quando ha sol, — mas que não sabem fazer sol quando ha lama.

ALEX. DUMAS.

A timidez e a pobreza são os dois grandes obstaculos em amor.

Michellet.

O Intellecto puro visita o Verdade, o Gosto mostra-nos a Beleza, e o Senso moral ensina-nos o dever.

BALZACIANO.

Quando um poeta quer atingir um ton moral, diminuir a sua força poetica, não é imprudente apostar que a sua obra ha de ser má.

BEST.

O principio da poesia é, estruturamente e simplesmente, a aspiração humana para uma felicidade superior.

IDEA.

O PASSADO

As fugas do salão de jantares dourados, Caminhadas pedestres de brancas esculturas.

Veem-se as pastelarias deslumbrantes, Reflectindo o fulgor das prata sciáticas.

Cadeiras d'espaldas de molas, latões: Muitos de valor: formosas contadeiras,

Em columnas gentis, graciosas, rendilhadas, Destacavam jardins de lojas variegadas.

Da expansa jantaria no parque sobranceira, Nas antigas plantas, verga sua roeira.

No jardim salão mal eu haver entrado, Dominavam o perolado, esplêndido passado.

E joguei ver surgir, suave, nesse instante, Uma alegre visão d'um tempo já distante.

Fidalgos virginianos, exelvas, polvilhadas, Esquadrando sorrido as fárias namoradas.

De fidalgos gentis e nobres conselheiros, Com humor jovial nos rostos prezenteiros.

Deslumbravam o primor das vestes roxantes, E u notável fulgor dos miltos diamantes.

Encontravam à jantaria e no jardim florido, Como que ouviu sour um canto dolorido.

Dominavam reis e dildas ilustres, Palpitavam ante o vasto coração.

No silêncio da sala então distincentemente, Um gênero som ondul, merrimento e plangente.

Do abraço contundir no mármore de rosa, Um relógio soltar a nota dolorosa.

E joguei que este som dolente e requebrado, Conduzia até mim a sombra do passado.

Porto, 1885.

Alfredo Alves.

A PASTA EPILATORIA DUSSERI

Para livrar o rosto dos cabellos superfluos, a PASTA EPILATORIA DUSSERI é d'uma perfeita eficacia, e oferece além de outras esta grande vantagem de ser escopta de toda a ação chimica, e por consequencia absolutamente inoffensiva. — (1, rue Jean-Jacques-Rousseau, e em todas as principais perfumarias de France e do estrangeiro.)

